

## RESENHAS

*Javier no mundo de Magritte*

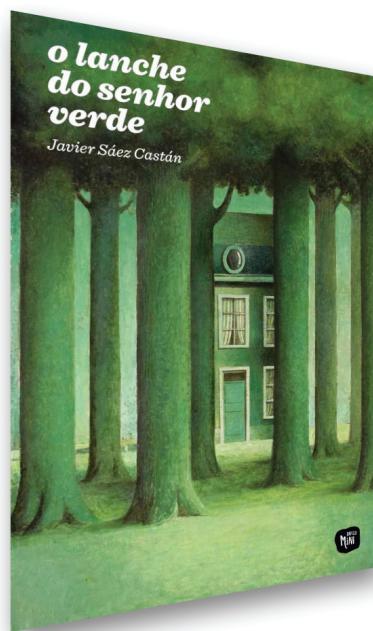
por Helena Martinho

Educadora de infância

Uma boa surpresa no mercado editorial português é a recente publicação pela Editora Orfeu Negro (coleção Orfeu Mini) do livro “O lanche do Senhor Verde” de Javier Sáez Castán. Este autor participou no IX Encontro de Literatura Infanto-Juvenil de Pombal (Portugal), em Maio de 2011. Por essa ocasião apresentou uma Mostra de Memórias, Ilustrações e Objectos que incluía os originais da ilustração desta obra, pintados a óleo sobre placas de madeira. Um irresistível convite para a entrada num mundo mágico e misterioso construído em 2007 e só agora editado em Portugal. Entre os objectos expostos figuravam também desenhos de animais realizados na sua infância e juventude, que faziam já adivinhar o gosto pela ilustração científica que deu origem a um outro livro editado em Portugal, sobejamente conhecido e premiado: “O Animalário Universal do professor Revillod: Fabuloso Almanaque da Fauna Mundial”, em parceria com Miguel Murugarren (publicado em Portugal pela Orfeu Negro, em 2009). Esta obra foi galardoada em 2004 com o prémio para o melhor livro ilustrado pela Feira Internacional do Livro Infantil e Juvenil do México, e eleito o melhor livro do ano pelo Banco do Livro da Venezuela (secção venezuelana do International Board on Books for Young people) em 2005. Em 2008 foi a vez de “La merienda del señor Verde” conquistar este galardão, tendo em simultâneo sido seleccionado para os “White Ravens”.

Javier nasceu em Huesca (Espanha) em 1964, e começou a escrever e ilustrar contos desde muito pequeno; por isso acredita que “uma folha de papel é um dos mais extraordinários objectos criados pelo homem”. Estudou Belas Artes em Valência. Começou por ilustrar obras de diversos autores como Hoffman e Hans Christian Andersen, iniciando depois a publicação enquanto autor e ilustrador. O livro “Os 3 ouriços” (Edições Ekaré, 2003), seleccionado para o White Ravens de 2004, marcou a sua carreira por se tratar do momento em que decidiu dedicar-se em exclusivo à literatura para a infância.

Claramente é característica de Javier Sáez Cástan a versatilidade de imaginário e de técnicas. Este facto revela que o autor considera não existir um molde para o livro e que cada um é uma entidade única. Foi sob este princípio que nasceram o “Animalário” e o “Soñario”. O primeiro propõe um curioso e bem-humorado jogo partindo de uma série de animais reais a partir dos quais é possível criar 4.079 animais fantásticos devido a cortes verticais das páginas que permitem a mistura das ilustrações e do texto. Já o “Dicionário de sonhos do Doutor Maravilha” oferece 144 combinações de sonhos universais recorrentes e surpreendentes.



**Título:** *O Lanche do Senhor Verde*

**Autor:** Javier Sáez Castán (2011)

**Editorial:** Orfeu Negro

tes (acompanhadas de uma legenda descriptiva e interpretativa), partindo de 12 imagens divididas ao meio na horizontal. A propósito destas duas obras, comenta o autor numa entrevista dada em 2010 a Antón Castro<sup>1</sup> que se dá um deslocar da ficção de dentro do livro para fora: “é a ficção que contém o livro e nos contém também a nós”.

De uma forma muito visual e insólita descreve os seus livros como “barracas de feira com prodígios e curiosidades” e refere a sua vocação como autor-proprietário destes espectáculos ambulantes no sentido de distrair o público das suas fadigas quotidianas.

Mas voltemos ao livro “O lanche do Senhor Verde”.

Aqui o leitor entra numa outra dimensão estética e poética. Um enigma paira no ar, enquanto vamos conhecendo os circunspectos senhores Amarelo, Púrpura, Azul, Castanho e Preto convidados a comparecer na casa do senhor Verde para viverem uma experiência única que transformará as suas vidas para sempre: o acesso a um mundo multicor.

Na figuração e ambientes surgem vários símbolos mágicos que nos transportam para o realismo poético de Magritte. Desde logo na capa (que nos remete para a pintura “Le Blanc-Seing”, 1965) onde o visível e o invisível oferecem um primeiro desafio ao observador. Como Magritte, Javier procura o contraste entre o tratamento realista dos objectos e a atmosfera irreal dos conjuntos. As figuras masculinas de chapéu de coco, fato, gravata e chapéu-de-chuva transportam-nos à obra “O filho do homem” (1926) e a outras com derivações da mesma figura. A chegada do senhor Preto a cavalo remete para a pintura “Le jockey perdu” (1925), obra revisitada e recriada por Magritte ao longo do seu percurso enquanto artista. A porta que dá acesso a um mundo inesperado é também uma característica recorrente no pintor surrealista bem como a utilização de caligrafia na ilustração (revelando, neste livro, os nomes das cores usados na heráldica). E, para culminar, todo o mistério envolvente do argumento encontra eco nas palavras de Magritte ao descrever as suas pinturas como “imagens visíveis que não ocultam nada; evocam mistério e, quando alguém vê uma das minhas pinturas, coloca-se esta

---

1 Antón Castro. (2010). Javier Sáez Castán: “Mis libros son como barracas de feria con prodigios y curiosidades”. *Heraldo*, 19.Abril.2010, in [http://www.elperiodico.com/noticias/cultura/javier\\_saez\\_castan\\_mis\\_libros\\_son\\_como\\_barracas\\_feria\\_con\\_prodigios\\_curiosidades.html](http://www.elperiodico.com/noticias/cultura/javier_saez_castan_mis_libros_son_como_barracas_feria_con_prodigios_curiosidades.html).

questão: O que significa isto? Não significa nada, porque o mistério também não significa nada. É indecifrável”<sup>2</sup>.

Neste ambiente enigmático encontramos ainda referências de “Alice no País das Maravilhas”: O Senhor Amarelo surge do meio de uma floresta olhando preocupado o seu relógio de bolso e comentando como é tarde para o encontro a que foi chamado; também é reconhecível a clareira multicor onde um lanche aguarda os personagens...

No final do livro, surge um glossário dirigido aos “leitores que sempre querem saber mais”; expressões como “porta”, “marmelada”, “telefone”, “chapéu de coco” e outras são esmiuçadas em termos históricos mas revelando também o sentido de humor do autor. O livro fecha com uma “nota de cor” que refere a nomenclatura diversa das várias tonalidades de cores e explica as palavras, em diferentes línguas, que surgem integradas na ilustração.

Javier Sáez Castán é já um autor de referência onde se combinam a versatilidade e a imaginação do contador de histórias e a mestria e sensibilidade do ilustrador capaz de criar mundos cromáticos marcados pela subtileza, segundas leituras e referências culturais.

Quando interpelado sobre a sua obra (na mesma entrevista já referida acima), diz não considerar a ficção como um espaço em branco, uma ilha por descobrir, mas mais como uma praia para onde a corrente do oceano transporta vestígios de todo o mundo. “Cabe-me recolhê-los e fazer algo com eles”, conclui o autor.

Aceitem então o convite para lanchar com o Senhor Verde, numa inesperada clareira luminosa e colorida onde não falta na mesa o bule do chá e contamos, a qualquer momento, ver chegar o chapeleiro maluco.

---

2 Visit Flanders. (2011). Musée Magritte. 2011. <http://www.visitflanders.us/index.php?page=NewMagritteMuseumBrussels>.